

SUBSCREVE-SE:

AO NUMERO 960 DO

POR:

Na Typographia do PA-
TRIOTA, rua do Poço
dos Negros n.º 54,
Marques, na rua Augusta
n.º 2 e 3.

Tres mezes.....720 rs.
Um mez.....240 ,,
Avulso.....30 ,,

PATRIOTA.

QUINTA FEIRA 19 DE AGOSTO.

Este Supplemento publica-se todas as se-
gundas e quintas feiras.

MAGNANIMIDADE MINISTERIAL.

Não somos ingratos. O Ministerio, que Deus
haja, nasceu para morrer, e com effeito morreu.
Um protocolo lhe deu vida — um protocolo lhe
deu morte. Cousas do mundo! E no entanto an-
tes de dizer o derradeiro adeus ás pastas, assi-
gnalou-se por um feito nunca feito, por uma ac-
ção *rendosa*.

O Musa inspira-nos, faze-nos o favor de
incendiar o estro, e dá-nos estylo eloquente, lin-
guagem *idem*. Cantámos o Ministerio defunto,
e se o calor não fosse tanto, dar-lhe-hiamos
orientalmente dois beijos! Isto não é verso, mas
póde passar como tal.

Os Ministros, de saudosa memoria, antes
de sahirem, tiveram a boa e lucrativa idéa de se
pagarem até ao mez de Julho, e levados por
um santo principio de caridade christã chega-
ram a ponto de se lembrar dos seus antecessores.
Ha quem veja n'isto um facto escandaloso, to-
davia nós, que olhamos a materia pelo lado mo-
ral, descobrimos nella largas considerações filo-
sóficas, e thema para interminaveis louvores.

Quem trabalha come (e mesmo quem come
trabalha); já se vê que para comer é necessario
gastar, logo que mal fizeram os Ministros em se
utilisar de mais um mez d'ordenado? Não são
elles os authores de todas essas leis que hão-de
indireitar o paiz? Não se sacrificarão pela patria
dos Jões? (frase do *invicto*.) Não viram a mo-
destia com que o Sr. Bayard andou sempre a pé,
apenas alugando em dias de galla uma *sege de
bandeirinha*? Só a inveja é que póde babar se-
melhantes caracteres! Demais; ninguem se deve
enriquecer com o alheio, e este axioma de direi-
to, elastico como gomma — graxa — vêm a pello
e prova claro como os candieiros do Municipio,
que o mez de Julho era do Ministerio, que o ga-
nhou com o suor do seu rosto, e não da Nação,
que não suou nada, salvo em os aturar!

Tambem não achámos razão em se arguir o
rasgo de cavalheirismo do Ministerio fallecido,
contemplando no beneficio os Ministros passados.
O Evangelho manda lembrar-nos do proximo, e
Deus quer que repartâmos d'aquillo que é nosso,
ou de que lançámos mão, que vem quasi a ser
o mesmo.

Mas dirão: “Não se paga aos servidores do
Estado, e pagam-se os Ministros!” Forte admi-
ração! Que differença não ha entre o Ministro
e o simples e reles empregado d'una Secretaria?
Para o primeiro exigem as conveniencias uma
sege — para o segundo no inverno basta-lhe uma
bota de duas solas; para o primeiro concede-se
um *Correio* — o segundo vai mesmo em pessoa
ao *Correio*, se precisa lançar alguma carta; para
o primeiro ha todo o pezo d'um paiz a governar
— para o segundo só lhe peza a familia. E que-
reis confundir todas as classes? Quereis pôr o
Artista no lugar do Ministro e *vice versa*? Horror!

A miseria é geral, sim senhores, mas para
evitar a miseria é que os ministros receberam.
Transtorna-se a ordem dos pagamentos. Não, se-
nhores, põe-se em ordem os ordenados dos Mi-
nistros e depois nada mais facil, havendo restos,
do que pagar aos outros empregados. O Conde de
tomar era desta seita: “Quero dinheiro para
não prevaricar,” disse aquelle illustre Conde na Ca-
mara. E disse muito bem. Ora que menos do que
elle são os outros Ministros? Não são homens,
e por conseguinte *um poço artesiano* de necessi-
dades? Não tem os seus appetites como qualquêr
outro cidadão activo? Ha-de o Ministro comer
solas de çapatos, ou morrer no Hospital como Ca-
mões ou Tasso? Que morram os outros empregados,
que os altos funcionarios, *não são creados* para
isso?

Gloria ao ministerio finado, gloria, *hossannah*,
tudo quanto quizerem! As duas mil vozes da fa-
ma, redusidas ao formato do *Diario do Governo*
— apregôam-os por inclitos heroes, varões pres-
tantes, pais da patria, filhos da patria e netos
da patria. O *Pantheon* ou o cemiterio dos Praze-
res os espera.

E assim como Homero fez uma *Iliada* e Vol-
taire uma *Henriade* — propômos em signal de gra-
tidão uma *Proença da* ou *Bayarduda*.

Historia de uma casaca virada e revirada.

Esta casaca, que temos de descozer, é uma casaca
invicta, que ora tem as feições *em baixo*, ora *em cima*
(segundo as modas); é uma casaca de epocha. A descri-
ção desta casaca monstro, não é ali qualquer cousa; o
côrte, o feitio, as dimensões; são de um esquisito
que fariam a admiração de mais de sete al'aiates. Os re-
talhos de que hoje se compõe são todos de panno furtaco-
res; por isso impossivel é conhecer qual fosse a côr pri-
mitiva; tão pouco consta em que paiz fôra feita, no en-
tanto a abotuadura indica ser do tempo do Marquez de
Pombal.

Em 1823 um alfaiate que se achava em Villa Franca, chamado Miguel Maria do Patrocinio arranjou-lhe a gola, sendo metade azul, metade encarnada. A casaca não ficou grande cousa com o concerto, e levou por isso mangas encarnadas para darem nos olhos, e assim foi vista até 1826; mas sendo então moda côres mais claras appareceu a casaca com portinholas azues e brancas. Foi a casaca até Londres, e voltou ao Porto em 1828, e alli por mal alinhavadas lhe cahiram as portinholas, e sem ellas chegou a Londres onde por muito tempo esteve pendurada n'um cabide.

Na chegada do Duque de Bragança á Europa soffreu algumas alterações; taes como a de ser forrada de um azul e branco desmaiado. Esteve a casaca no Porto; ahi lhe deitaram alguns remendos de diversas côres. A chegada a Lisboa foi limpa e arranjada a ponto de parecer outra. Pelo andar dos tempos começou a mostrar as costuras e a mudar de cor, porém como se tinha tornado uma casaca historica, votaram as côrtes cem contos de réis para ser arremendada, e tão elegante ficou que se podia dizer uma casaca diplomatica; com tudo a nosso vêr era casaca de ministro d'estado. Viajou esta casaca por diferentes côrtes, e em Vienna d'Austria muito a admiraram os reverendos padres da companhia de Jesus; e como o bom filho á casa torna, veio de novo a Portugal e cahio nas mãos dos cabraes, que em 6 de Outubro a viraram de dentro para fóra, importando as linhas e aviamentos em doze contos de réis, o que não é muito para uma casaca tal. Sendo esta obra mal acabada parece que pede desde já novos concertos.

Está hoje tão rapadinha, cheia de pontos e remendos com as taes viradellas, que mais parece embrechado do que humano traje.

Carta do Albano Europeo

Ao honrado José dos Conegos sobre as cousas deste mundo.

MEU JOSÉ.

Estamos decididamente na escalla do progresso, a civilisação vai creando bochechas e está cada vez mais civilizada; vão-lhe nascendo os queixaes, está desmaiada!

Este abençoado paiz, que Deos deitou ao mundo para berço de grande numero de vadios, de deputados, de pescada marmota e de Laborins; em breve estará que ninguém o hade conhecer. O cidadão *Luzo-Hispanico-Anglo-Gallo*, para qualquer parte que lance os olhos, acha-se em presença dos tremendos canudos Claudios, que estirados por essas ruas, levam as mãos para José Detry para que quanto antes decida da sua sorte.

O *Tempo*, Jornal *renegado*, gerado e concebido, por peccado original, no Castello de Vianna, deu-nos a grata noticia de ter sido *Trasibulo* o inventor das amnistias, e pena foi, José, que por essa occasião nos não dissesse que fóra *Trasimundo*, descendente desse *Trasibulo*, o inventor dos degredos dos voluntarios patuleas para a Costa d'África, sem sentença ou processo; desgraçadamente o supremo tribunal de justiça militar, negou-lhe o privilegio de invenção.

O mesmo *renegado* Jornal nos participa terem os cabraes meia Europa ás suas ordens. A outra metade ainda se não pronunciou, mas está bem disposta, graças a Deos e ao *Tempo*.

A Europa cortada ao meio como se fóra melancia, é pensamento original.

Os empregados publicos continuam a viver de atmosphérico, de esperanças, e de guardas ao quartel, e o *Estandarte* para os animar affiança-lhes que o thesouro está um esqueleto.

A nossa situação, meu José, começa a cheirar mal, o ministerio que tão grandes serviços nos prestou pedindo

a intervenção, e que com a maior bondade deixava bayonetar toda a gente por essas ruas, deu á casca; cedeu aos alliados!! fraquejou!!! e a Bernarda sem apparecer!! Os amigos da ordem só tem confiança em ti; tu és o Sansão do partido. Veste a casaca, calça os botins, sahe para a rua e protesta contra os alliados, contra o Paço, e contra os batalhões que não acordam. — Convoca os teus patuscos; manda tocar o hymno e os sinos, e põe-te á frente do teu arsenal. Nós estamos todos decididos a cobrir-te a retaguarda. Não te faças mono, não esmoreças e toca a dar para baixo, começando por ferrar quatro sôcos de marca ingleza no *Estandarte* por ter tido o despejo de escrever, que o partido Cartista desta vez estava por terra. Enterrados sejam os seus Redactores com varas pelo chão abaixo.

Tu és o braço forte da legalidade, não queiras, depois de tantos desgostos, ficar mettido n'um chinello.

Pois os alliados hão de vencer-nos a nós, verdadeiros Portuguezes, que os chamámos!!!

« *En avant marchons*

« *Contre leurs canons;*

« *A travers le fer, le feu des bataillons,*

« *Courons a la victoire!*

Se nos virmos em aperto abraçaremos a patulea, por que em todo o caso somos Portuguezes. Se assim tiver de acontecer, continua tu a protestar e recebe a nossa benção, na certeza de que, se em virtude do art. 4.º do protocolo, fores um dia ministro, verás então que não te abandonamos e que te não deixamos ficar mal.

Adaos, se te subir o sangue á cabeça toma um es-calda pés, e deita bichas.

Teu amigo

O Europeo.

P. S. Manda-me pelo portador a colleção dos teus protestos.

Apollo e as Musas.

Neste paiz, onde tudo são impostos e contribuições, não podia o Muito Reverendo Padre Apolló, Tambor-Mór do Parnaso, deixar de ser multado. Grande foi a questão de saber se lhe lançariam contribuição directa ou indirecta, mas como o patusco tivesse coração de pedra, lançaram-lhe uma multa de sangue! O pobre organista (aliás muito boa pessoa) ficou redusido a sete Musas, e Deos sabe o caminho que levaram as duas outras! Lá está pois no theatro de D. Maria, o inconsolavel Apolló, rodeado das sete raparigas a olharem para a Praça de D. Pedro, como quem procura alguma cousa que lhe falta. E fomos nós Nação toda harmonica, philarmonica e desharmonica, que sem processo ou sentença, desterrámos duas Musas! Quebrar a cabeça a gallegos pouco importa isso, pois se concertam, ou se lhe põe outras novas, porém roubar duas filhas a seu pai, é negocio delicado, offende a moral publica.

Apollo está irritado e fulmina-nos com algum protocolo. Para que havemos nós crear inimigos no Parnaso! Restituam-se as raparigas ao pai e seja transformado em pedra bruta o desalmado que as roubou.

Um sobrinho de Melpomene e amigo do recta-pronuncia.

Extracto do Recreio — Jornal de Familias — do mez de Março de 1845, e que agora vem a talhe de fouce.

REMEDIO ÁS PAULADAS.

“ Os habitantes das ilhas Philippinas são sujeitos a uma doença mui perigosa a qual curam com um re-



Lith. Francesa Calçada do Combro nº 45

Casaca Virada e Revirada.

“medio muito singular; a molestia é uma dôr de cabeça muito violenta acompanhada de dôres d'estomago, capazes de causar a morte, se o especifico não fôr immediatamente applicado, e que consiste em dar ao doente uma vigorosa bastonada nos braços, nas coxas, e no lado direito. Esfrega-se depois com sal a parte pisada, a fim de chamar o sangue á pelle. Depois desta operação, dão-se-lhe algumas lancetadas, e havendo-se tirado sufficiente quantidade daquelles sangue, lava-se a chaga com vinagre; não podendo o doente, até estar completamente restabelecido, comer outra cousa senão arroz cosido sem sal.,”

Este tratamento hygienico tem produzido entre nós os mais felizes resultados. As pessoas que tanto lastimavamos quando as viamos cacetar por essas ruas, estavam atacadas da tal molestia das Philippinas, e por isso os ricos homens do Algarve lhe iam ás costas applicando-lhe o indicado remedio, e quando o mal era mais intenso lhe davam bayonetada á falta de lanceta. Os gallegos em quem o mal se tinha tornado endêmico, foi forçoso caceta-los e sangra-los sem perda de tempo; e se por momentos o costado soffre, a humanidade folga.

Se os gallegos foram mais bem tosados, foi em consideração de pertencerem as Philippinas á Hespanha.

Nas Provincias, e com especialidade no Algarve, é onde o contagio tem feito maiores progressos, para os atalhar, trabalha por lá o cacete e a bayoneta sem o menor descanço. Tem-se feito curas milagrosas das quaes tem morrido muita gente.

Quanto a não comermos os enfermos outra cousa, que não seja arroz cosido com sal, desde muito que Portugal está nessa dieta pelas repetidas sangrias que lhe deram os cabraes.

Recomendamos pois a continuação do tratamento indicado para todo e qualquer ataque como meio efficaz de levantar a espinhella ao paiz.

Um medico da eschola veterenaria das Philippinas

PROCLAMAÇÃO

Dirigida aos bons cartistas para que se não desunam; antes pelo contrario se conservem agarrados uns aos outros para o bem estar do paiz

Cartistas! A união faz a força! Agarremo-nos uns aos outros para não irmos a terra, não nos deixemos emballar com palavras de arroz doce; olho vivo, pé atroz, cara alegre e o Deos de Affonso Henrique será comoosco.

Cartistas! O invicto tem cara para nos abandonar! quer-se vêr livre de nós, diz que somos uns valdevinos, uns biltres que estamos banidos pelo protocolo!!!!

E que fez esse homem para assim fallar? quereis saber o que fez? Comeo á nossa custa o mais acanellado arroz doce que tem sahido de mãos humanas! e depois de encher a pança; diz que chamára os alliados para vencer!

Portuguezes! Nós tambem chamamos os estrangeiros, não foi só o invicto que teve medo; nós tambem o tivemos, por honra nossa o dizemos. Nunca peccamos por fanfarrões e por isso quizemos ter as costas quentes. Mas esse homem, que nos deve tudo abandona-nos, prega-nos dous couces no momento em que estão as eleições á porta! Portuguezes, amantes da patria, o invicto está tolo, não sabe com quem brinca; e a mania de se descartar de nós hade-lhe passar. Confiai no futuro e o nosso antigo defensor cedo se nos apresentará com arrependida cara; com essa cara que nos é tão cara, e que a elle nada lhe custa. Oh cara e sempre cara nos sera a sua protecção; e por isso em nome do paiz, de vossas crencas e da carta constitucional, vos pedimos de vos cotisardes todos com a maior somma possível..... (de patriotismo já se sabe) e para que cheios de convic-

ção digaes a esse homem — Meu amigo, nada de arrufos, estamos ao vosso dispôr. —

Cartistas! *Isto custa!* Mas que remedio, quando a patria está com a cara á banda!!!

POESIA ECCLESIASTICA.

José Daniel Rodrigues da Costa, o coruscante Laborim morreram; as suas poesias são fel e vinagre comparadas ao incesso e myrrha, com que o prior de Santos o velho, o reverendo padre Antonio de Sousa Gomes perfuma o heroe da poterna e gaviarra, o commissario regio na provincia do Minho, emfim, o conselheiro Antonio Pereira dos Reis. Não podemos privar os leitores dessa producção em verso tão suave e escorregadio que nem banha de porco lhe ganha.

Toda e qualquer reflexão mais seria ociosa. Ahi vai o soneto do padre:

Ao feliz regresso do Ex.^{mo} Conselheiro Antonio Pereira dos Reis, Commissario Regio na Provincia do Minho.

SONETO.

Volves á Patria, que te espera anciosa,
Volves á Esposa que te espera amante,
Tendo as prisões, com animo constante,
Evitado de Cábe revoltosa.

A gerencia do Minho perigosa
Desempenhaste com valor brilhante,
Valença te admirou; foste incessante,
No organizar Milicia Generosa.

Em defesa da Carta, e da Rainha
Quem fez mais do que tu go'a espada, e penna,
Contra a Anarchia perfida, e mesquinha!

Mas já nosso horisonte e Paz serena:
Importa descançar! e a Musa minha
Com tua fama á Eternidade accena.

PELO SEU RESPEITADOR E AMIGO

O Prior de Santos o Velho

Pedro Antonio de Sousa Gomes.

Consta-nos que o author do hymno de Costa Cabral está encarregado de pôr em musica, pelo menos em canto-chão, esta poesia theocratica.

Cutiladas.

O Reverendo Esmoler-Mór acha-se atacado de hydrophobia. ... foge da agoa como o diabo da cruz.

Os empregados publicos estão redusidos a almoçar palito, jantar palito, e ceiar palito. De tarde encontram-se por essas ruas com metade do jantar entre os dentes.

Os algaravios, que se acham em Lisboa, protestam não ter offerecido o retrato ao sr. Moura Coutinho. ... Com o original sabiamos que toda a gente embirrava, mas com a copia. ... Ha homens muito infelizes!

As esperanças dos verdadeiros cartistas ainda desta vez, e talvez a ultima, tenham de vêr-se completamente frustradas! (*Estandarte* n.º 13.)

O *Estandarte* annuncia aos seus leitores, que os cabralistas estão muito arriscados a nunca mais levantar cabeça — A terra lhes seja leve. —

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.